

GISELA BARCELLOS DE SOUZA

A Cidade Redescoberta: o debate sobre a tipo-morfologia no contexto europeu dos anos 1970

*The Rediscovered City: the debate about type-morphology
in the European context of the 1970s*

Gisela Barcellos de Souza Arquiteta e Urbanista, mestre em “Projet Architectural et Urbain” pela Université de Paris VIII, doutoranda na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Professora assistente da Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Arquitetura e Urbanismo. gisela.barcellosdesouza@gmail.com.

Gisela Barcellos de Souza Architect and Urbanist with a Master's Degree in “Projet Architectural et Urbain” from the University of Paris VIII, and is currently doing a PhD at the School of Architecture and Urbanism of the University of São Paulo. She is an Assistant Professor at the State University of Maringá, Department of Architecture and Urbanism. gisela.barcellosdesouza@gmail.com.

Resumo

A recorrência à figura do “retorno à cidade” no pensamento arquitetônico-urbanístico europeu dos anos 1970 foi, por diversas vezes, afirmada como um movimento associado à difusão e aos desdobramentos dos estudos italianos sobre a tipo-morfologia. O objetivo deste trabalho é analisar a construção e difusão desse debate na Europa, nos anos 1970, a partir da inserção dos arquitetos envolvidos em seus contextos específicos e da análise de seus pontos de encontro. Enfoca-se, portanto, a trajetória de personagens e posturas que objetivavam definir caminhos para a prática, em detrimento da abordagem histórica do que seria posteriormente afirmado de um método de investigação puramente acadêmica. Busca-se desvelar os possíveis significados adquiridos por este debate em diferentes ambientes culturais, bem como sua manifestação na construção de determinados leitmotiven.

Para tanto, analisa-se a inserção das personagens envolvidas na cultura arquitetônica de seus países e verifica-se a forma como elas se apropriaram da reflexão sobre a tipo-morfologia. Na sequência, pontuam-se alguns dos elos que permitiram o encontro interpessoal entre essas distintas personagens e as estratégias de vínculos ensejadas. Por último, analisam-se algumas matizações do debate sobre a tipo-morfologia em expressões recorrentes para justificação da prática nos anos 1970. Em outras palavras, busca-se, por um lado, identificar os núcleos duros do debate e, por outro, ressaltar e analisar as noções que foram passíveis de diferentes interpretações. O recorte temporal aqui analisado prioriza a década de 1970, período em que os postulados construídos na Itália a partir dos anos 1950 encontraram maior capacidade de ressonância na cultura arquitetônica do restante da Europa.

Palavras-chave: Cidade; Arquitetura europeia 1970; Tipo-morfologia.

Abstract

The recurring use of the motif “return to the city” in European architectural-urbanistic thought in the 1970s was, at different times, affirmed to be a movement associated with the dissemination and evolution of the Italian studies on type-morphology. The intent of this paper is to study the construction and dissemination of this debate in Europe, in the 1970s, by placing the key architects in their specific contexts and exploring how their paths crossed. It focuses, therefore, on the trajectory of people and thought processes, where the goal was to define ways to put ideas into practice, as opposed to taking a historical approach which would afterwards be defined as a purely academic method of research. It also seeks to reveal the possible meanings this debate took on in different cultural environments, as well as its manifestation in the creation of certain leitmotifs.

To this end, the paper studies the main figures involved by inserting them within the architectural culture of their countries and examining the way in which they interpreted the discussions on type-morphology. Following this, it touches on some of the links that enabled interpersonal encounters to take place between these different figures and the strategies of these desired connections. Lastly, it takes stock of some of the finer shades of the debate on type-morphology in the recurring expressions to justify this practice in the 1970s. In other words, it seeks, on the one hand, to identify the solid cores of the debate and, on the other, to highlight and analyze the concepts that were liable to different interpretations. The time frame under study prioritizes the 1970s – a period during which the postulates formulated in Italy in the 1950s resonated more deeply in the architectural culture of the rest of Europe.

Keywords: City; European Architecture of the 1970s; Type-morphology.

Introdução

A forma pela qual determinada ideia é trazida à discussão no âmbito da cultura arquitetônica não se trata, certamente, de um fenômeno independente dos lugares sociais em que estas ocorrem e, menos ainda, das personagens e dos grupos que a fomentam. A travessia de distintas fronteiras por um debate envolve a agregação de novos significados, bem como a perda e o esmaecimento de outros. Frequentemente, as narrativas de conjunto tendem a minimizar essas diferenças contextuais em prol da construção de um panorama coerente. Essa direção é oposta à qual se empreende neste artigo: trata-se de uma história de fragmentos, na qual se enfocam justamente os ruídos em meio à construção de um debate. Sob essa ótica, busca-se recuperar a construção e internacionalização, nos anos 1970, do debate relativo à tipo-morfologia no âmbito europeu.

A recorrência à figura do “retorno à cidade” na cultura arquitetônico-urbanística europeia dos anos 1970 foi, por diversas vezes, afirmada como um movimento associado à difusão e aos desdobramentos dos estudos italianos sobre a tipo-morfologia². De modo geral, as revisões de língua inglesa enfatizaram a existência de dois grandes meios culturais: o anglófono – composto pelos EUA e a Grã-Bretanha – e aquele relativo aos demais países europeus – referindo-se, em geral, apenas à França, à Itália e à Bélgica³. Se, por um lado, essa grande diferenciação permite compreender o desenvolvimento tardio do interesse pela relação entre os tipos edilícios e a forma urbana em países anglófonos¹ – e o espaço que determinadas personagens acabam conquistando por transitarem nestes dois meios² –; por outro, minimiza a importância dos percursos e dos percalços específicos ao contexto heterogêneo da Europa continental.

Dentre as revisões existentes sobre a constituição desse debate, diversas são aquelas que enfatizam seus aspectos acadêmicos, ou seja, que o situam como linha de pesquisa e método de investigação³ – traço que talvez só se possa afirmar com precisão a partir dos anos 1980. Todavia, no surgimento desses estudos, bem como em seu desenrolar nos anos 1970, sempre esteve presente e foi ratificada a indissolubilidade da relação entre análise e projeto. A trajetória dessas posturas que objetivavam definir caminhos para a prática, mais do que definir teorias científicas⁴, é o enfoque preciso deste trabalho.

O objetivo deste trabalho é, portanto, analisar a construção e difusão desse debate na Europa, nos anos 1970, a partir da inserção dos arquitetos envolvidos

1. Veja-se, por exemplo, Devillard e Jannièrre (1977).

2. Este é o caso de Léon Krier, por exemplo. Cf. Ellin (1996); Samuels (1985).

3. Ver, neste sentido: Samueals (1985), Pereira Costa (2006).

4. Poder-se-ia aventar que o livro “Arquitetura da Cidade” era proposto por Rossi, em 1966, como um ensaio de teoria urbana. Entretanto, este é um posicionamento do qual, como destaca Sainz Gutierrez (2006), o autor italiano se distancia logo no início dos anos 1970. No epílogo da edição alemã de 1973, “sem que houvesse mudado uma única linha no texto original (...), Rossi afirma: ‘Este livro é um projeto de arquitetura’” (SAINZ GUTIERREZ, 2006, p.38, grifo nosso).

em seus contextos específicos. Busca-se desvelar os possíveis significados adquiridos em seus ambientes culturais originais e em encontros internacionais, bem como a sua manifestação na construção de determinados leitmotiven.

Para tanto, primeiramente, buscaremos reinserir as personagens em seus lugares sociais; ou seja, verificar sua contribuição à cultura arquitetônica em seus países de atuação e a forma como se apropriaram da reflexão sobre a tipo-morfologia. Na sequência, pontuaremos alguns dos elos que permitiram o encontro interpessoal entre essas distintas personagens. Por último, procuraremos analisar algumas matizações desse debate. Em outras palavras, apontaremos, por um lado, quais foram os seus núcleos duros e, por outro, ressaltaremos as noções que foram passíveis de diferentes interpretações. O recorte temporal aqui analisado prioriza os anos 1970, período em que os postulados construídos na Itália a partir dos anos 1950 encontraram maior capacidade de ressonância na cultura arquitetônica do restante da Europa.

Personagens e lugares: os percursos de um debate

Não obstante as diferenças que possam existir entre as ênfases dos estudos sobre a tipo-morfologia e suas revisões, alguns pontos comuns são correntemente reafirmados. Assume-se, em geral, a dívida original às investigações italianas, cujos primeiros passos foram motivados pelas críticas ao urbanismo positivista, realizadas por Samonà (Giuseppe Samonà, arquiteto e urbanista, 1898-1983 –), e firmaram-se através dos trabalhos de Muratori⁵. Este último, com seu extenso levantamento sobre a cidade histórica de Veneza – publicado em 1959, sob o nome “*Studi per un’operante Storia urbana di Venezia*” – foi responsável pelo desenvolvimento de postulados que se tornariam pontos-chave nas abordagens da tipo-morfologia nas décadas seguintes: a definição do estudo do tecido urbano como elemento concreto para relacionar arquitetura e cidade e a afirmação de que a estrutura urbana só poderia ser compreendida através da história.

Distante dos grandes debates da cultura arquitetônica italiana da época e com uma atuação “restrita à sala de aula, sem (...) contar com uma revista como porta-voz” (PORTOGHESI, 2002,p.82), Muratori conseguiu, no entanto, disseminar seus estudos através de seus ex-alunos. Dentre os discentes que participaram de seu ateliê durante sua curta estadia em Veneza⁶, estava Gianugo Polesello – amigo de Aldo Rossi e seu colaborador nos primeiros anos de sua carreira⁷. Segundo Saint Gutierrez (2006), fora através deste ex-aluno de Muratori que

5. Cf. Paneral et al. (1999) ; Samuels (1985).

6. Muratori permaneceu apenas dois anos em Veneza. Em 1954, retornou a Roma, para suceder Foschini na cadeira de “Composição Arquitetônica”, ocasião em que desenvolveu para Roma estudo semelhante ao que realizara em Veneza (CATALDI, C., MAFFEI, G. L., VACCARO, P. 2002).

7. Veja-se, a título de exemplo, os escritos de Rossi em colaboração com Polesello em “Para una Architettura de Tendencia” (ROSSI, 1977a).

Rossi entrou em contato com os estudos tipológicos desenvolvidos em Veneza. Inserindo-se no contexto do questionamento, que se deu no âmbito italiano entre o fim década de 1950 e o início dos anos 1960, sobre a pertinência ou não do urbanismo à prática dos arquitetos – e marcando a posição daqueles que defendiam a união entre essas disciplinas – o primeiro trabalho em que Rossi analisa as relações entre a morfologia urbana e a tipologia edilícia foi realizado em Milão, em 1963, sob coordenação de De Carlo⁸. Nesse mesmo ano, iniciava-se, também, a colaboração acadêmica entre Rossi e Aymonino, cuja importância foi fundamental para a definição dos contornos que os futuros estudos tipo-morfológicos assumiriam sob o *Tendenza*.

Trata-se do período de apenas três anos em que Aymonino, convidado por Samonà para assumir a antiga disciplina de Muratori no IUAV, chama Rossi para ser seu ajudante (SAINZ GUTIÉRREZ, 2006). Através dessa parceria, e dos estudos realizados sobre a cidade de Pádua, editaram-se pequenos volumes que constituíram as bases para análise tipo-morfológica (CASTEX, 1995). Entretanto, a colaboração entre esses arquitetos encerra-se ainda em 1966, com a contratação de Rossi pelo Politécnico de Milão no mesmo ano em que publica a primeira edição de *L'Architettura della città* – livro que se tornaria uma das referências mais importantes na revisão do Movimento Moderno.

A publicação do texto de Argan “*On the Typology of Architecture*” na revista *Architectural Design*, em 1963, é correntemente afirmada como o marco da renovação do interesse disciplinar pela tipologia⁹. Contudo, foi o Plano para o Centro Histórico de Bolonha o responsável por revelar internacionalmente as possibilidades de aplicação dos estudos tipo-morfológicos. Desenvolvido em 1969, sob a coordenação de Cervellati e Scannavini, esse plano logo se converteu em ícone e foco dos debates, pois permitia a aproximação entre as posturas políticas do Partido Comunista Italiano e os postulados arquitetônicos do grupo de Veneza¹⁰. Segundo Lucan (2001) e Cohen (1984), as excursões de estudantes e arquitetos franceses à Bolonha tornam-se numerosas e frequentes ainda no início da década de 1970, igualando-se àquelas com destino para as cidades novas britânicas.

As viagens foram logo acompanhadas por publicações sobre o processo de planejamento de Bolonha nas revistas francesas da primeira metade da década de 1970, entre as quais se destaca a edição especial da *Architecture d'Aujourd'hui* – de agosto de 1975, n.180 – dedicada aos centros históricos. Entretanto, Cohen salienta que mesmo “antes que as ideias dos teóricos italianos fossem publicadas em periódicos ou estudos, elas foram cristalizadas nas aulas e em exercícios pedagógicos” (COHEN, 1984).

8. Uma parte introdutória deste estudo pode ser encontrada em ROSSI (1977a) no capítulo: “Contribución al problema de las relaciones entre tipología constructiva y la morfología urbana”.

9. Cf. Ellin (1996) e Nesbitt (2006).

10. Ver a este respeito: Cohen (1984).

A inserção das teorias italianas nas práticas dos ateliês deu-se em um contexto específico de renovação do ensino de arquitetura na França, que até o ano de 1968 ocorria dentro da Escola de Belas Artes. Os primeiros alicerces da reforma se manifestaram em 1963 (cf. Lucan, 2001), contudo, as manifestações de maio de 1968 acabaram por promover a aceleração desse processo: ao final daquele mesmo ano decretava-se a extinção da seção “Arquitetura” da Escola de Belas Artes e criavam-se as chamadas “Unidades Pedagógicas” independentes que passariam a ser responsáveis pelo ensino daquela disciplina¹¹. É dentro dessas Unidades Pedagógicas (UP) recém-criadas que se dá a experimentação das teorias não somente advindas de Veneza e Milão, como também aquelas oriundas de Louis Kahn e da sociologia¹².

Organizada por Bernard Huet, Devillers e Laisney, a UP 8 seria uma entre essas escolas. Não obstante sua institucionalização recente, o grupo que a compunha esboçara sua formação em 1966, quando Bernard Huet voltou de sua estadia nos EUA – período em que fora aluno de Kahn – e criou um ateliê inicialmente independente da Escola de Belas Artes, o “Colégial 1”¹³. O interesse pela sociologia urbana e a divulgação dos estudos de Henri Lefebvre em Nanterre¹⁴ delineariam um importante papel às questões urbanas durante os anos de fundação da UP 8 (Cohen, 1984). Dentro desse âmbito, a experiência de Bolonha aparecia como chave para a conciliação entre política e arquitetura.

Se, no entanto, a combinação entre a referência italiana, a sociologia urbana e os ensinamentos de Kahn caracterizaria, de modo geral, a prática pedagógica inicial na UP 8, seria a atuação de Bernard Huet como editor da revista *Architecture d’Aujourd’hui*, entre 1974 e 1977, que permitiria a ampliação da esfera de atuação dos debates nos quais seu corpo docente estava engajado. A primeira edição sob sua coordenação engendrou, segundo Cohen (1984), uma virada na cultura arquitetônica francesa. A passagem de Huet pela *Architecture d’Aujourd’hui* (AA) marcou a ampliação do conhecimento dos autores italianos¹⁵ na França e o estabelecimento paulatino de um intercâmbio entre esses dois países. Nesse contexto, a edição de números especiais da AA – como o “Italie 75” – se constituiria em apenas um dentre os diversos testemunhos existentes dessa rede de trocas¹⁶. Se esse encontro cultural poderia, inicialmente, parecer desigual, logo contribuições francesas também surgiriam em revistas italianas – Grumbach, por exemplo, passa a ser oficialmente colaborador da Lotus, a partir de 1978.

11. Ver: Lucan (2001) e Portoghesi (2002).

12. Montes, F. entrevista ao autor em dezembro de 2011.

13. Ver: Lucan (2001) e Portoghesi (2002).

14. Referimo-nos aqui à investigação que Lefebvre coordenou entre 1966 e 1973 sobre os conjuntos habitacionais de Nanterre, cujos primeiros resultados foram publicados em 1967, na *Architecture d’Aujourd’hui* n.132.

15. O livro *Arquitetura da Cidade* só foi traduzido para o francês em 1981, porém esse fato não impediu seu conhecimento antes dessa data.

16. Sobre estes intercâmbios, ver: Cohen (1984).

Malgrado a importância do debate fomentado por Bernard Huet e seu grupo – e a atenção internacional que este recebeu graças a sua veiculação na *Architecture d’Aujourd’hui* –, foi na Unidade Pedagógica estabelecida em Versalhes (UP 3) que foram realizadas as primeiras pesquisas sobre tipo-morfologia que alcançariam maior projeção para além das fronteiras francesas. As investigações realizadas pelo grupo de Panerai e Castex que resultaram nos livros *Formes Urbaines: de l’Îlot à la Barre e Principes d’Analyse Urbaine*, ambos publicados em 1975, seriam percebidas, segundo Manuel de Solà-Morales (2001), como a “pedra angular” da abordagem da cidade partir da arquitetura.

Outra escola francesa que se engajaria no chamado “Retorno à Cidade” foi a UP 6, organizada pelo grupo de Grumbach, Montes e Castro. Segundo Montes (2011), esta foi a UP que possuiu maior engajamento político em seus primeiros anos de funcionamento. Os vínculos estreitos com Maio de 1968 foram decisivos para que se postulasse a ausência de projeto nas séries iniciais de formação do arquiteto. Entretanto, esse direcionamento inicial foi logo revisto pelos supracitados professores nos anos seguintes e o retorno ao projeto foi proposto, vinculado ao “Retorno à Cidade” (MONTES, 2011). Juntas, as UP 6, UP 8 e UP 3 estabeleceriam intercâmbios com profissionais e instituições em outros países europeus.

Entre eles, salienta-se o desenvolvido ao longo dos anos 1970, com a Escola de Arquitetura La Cambre (em Bruxelas) e com o movimento fomentado pela ação direta de Maurice Culot e Léon Krier – a chamada “Resistência Antiindustrial”. As diferenças existentes entre o debate francês sobre o “Retorno à Cidade” e o movimento de resistência bruxelense são agudas e dificilmente menosprezáveis. Entretanto, a proximidade facilitada pela língua e pela atuação propagandística de Culot através do *Archives d’Architecture Moderne (AAM)*¹⁷ permitiu o estabelecimento de contatos e trocas no âmbito acadêmico. Ao longo dos anos 1970, Huet, Devillers, Montes, Panerai e Castex foram à Bruxelas, em distintas ocasiões, a fim de participar das bancas de avaliação de trabalhos em La Cambre¹⁸– ocasiões nas quais se associavam também a Scolari e Léon Krier.

Vinculada à atuação da militância esquerdista belga, a “Resistência Antiindustrial” teve como um de seus grandes feitos – amplamente divulgado através da revista AAM – a mobilização dos habitantes do bairro de Marolles, em Bruxelas, contra a renovação urbana que lhe era proposta pela municipalidade – episódio que ficou conhecido como a “Batalha de Marolles”, de 1969. Esse movimento apoiava-se em leituras das relações tipo-morfológicas a fim de denunciar a destruição, promovida pela expansão capitalista, dos aspectos físicos e sociais que caracterizavam os tecidos urbanos constituídos anteriormente à revolução industrial (BAREY, 1980). Para os arquitetos engajados neste movimento havia apenas duas alternativas possíveis: ou o engajamento nas lutas urbanas,

17. Referimo-nos tanto à casa editorial como à revista homônima. Sobre a Resistência Antiindustrial de sua atuação, ver : Souza (2005)

18. Informação presente em Ellin (1996), confirmada em entrevista com Fernando Montes ao autor (2011).

a fim de retardar o processo de destruição, ou o desenvolvimento de um trabalho teórico que servisse de apoio estratégico àquelas (CULOT e KRIER, 1978). A vinculação de Léon Krier – professor da Architectural Association entre 1974 e 1977 – à Resistência Antiindustrial deu-se ao longo da década de 1970, entre suas visitas frequentes à Escola La Cambre. Nelas, Krier participou diretamente da elaboração dos chamados “contra-projetos” – propostas de intervenções alternativas às da municipalidade a fim de motivar o engajamento da população.

Apesar de não coincidirem nos aspectos políticos de suas propostas¹⁹, as ideias dos irmãos Krier foram, ao longo dos anos 1970 e início dos anos 1980, frequentemente associadas²⁰. Transitando naqueles anos entre Stuttgart, Lausanne e Viena, Rob Krier não se engaja politicamente de forma tão evidente e radical – ainda que seja possível entrever nas páginas de *Stadtraum* certa “conexão romanticamente marxista de corte italiano” (ROWE, 1981). Seu trabalho revela somente uma “indignação controlada e canalizada na publicação de uma Enciclopédia de espaços urbanos” (ROWE, 1981, p.8).

Anterior mesmo à construção do debate sobre a tipo-morfologia, o assíduo diálogo entre a Espanha e a Itália no segundo pós-guerra – e, mais especificamente, entre Milão e a Catalunha – permitiu o florescimento em terras espanholas do interesse pelas pesquisas italianas ainda no final dos anos 1960. A primeira tradução do livro *A Arquitetura da Cidade de Rossi*, por exemplo, foi para a língua espanhola, publicada pela GG em 1971 e elaborada por Salvador Tarragó.

As repercussões dos debates italianos serviram de base a muitas das críticas que foram feitas aos “polígonos” (SAINZ GUTIERREZ, 2006) – forma como foram chamados na Espanha os conjuntos habitacionais descolados do tecido urbano. Neste contexto, destacaram-se Bohigas e Tusquets como os responsáveis pelas críticas mais contundentes.

Se, por um lado, as críticas aos polígonos constituíram o meio propício ao eco das teses rossianas entre os arquitetos catalães; por outro, a contribuição espanhola efetiva para esse debate deu-se através do Laboratório de Urbanismo de Barcelona (LUB) e da figura de Manuel de Solà-Morales, seu coordenador a partir de 1968. Ao assumir, nesse mesmo ano, a disciplina de urbanismo na Escola de Arquitetura de Barcelona, Solà-Morales empreendeu o projeto de ensinar um “urbanismo para arquitetos” – expressão que viria caracterizar o interesse pela tipo-morfologia na Espanha. Na busca pela especificidade disciplinar, o LUB foi responsável pelas primeiras traduções para o espanhol de textos de Gregotti, Rossi e Aymonino (SAINZ GUTIERREZ, 2006). Contudo, ao contrário daqueles, os trabalhos desenvolvidos junto ao LUB deram maior ênfase à forma urbana como processo e à contribuição das redes de infraestrutura (cf. SOLÀ-MORALES, 1997).

19. Rob Krier não comungava com Léon em sua proposta de um projeto ideológico anticapitalista.

20. Veja-se, a título de exemplo: Portoghesi (2002) e Grumbach (1976).

Para completar nosso percurso falta-nos ainda discorrer sobre as figuras de Kleihues – coordenador da Neubau da IBA – e Ungers. Segundo Passaro, ao final dos anos 1970, “juntamente com Oswald Mathias Ungers, Kleihues é tido como personagem central do cenário alemão no que diz respeito à crítica mais operativa aos planejamentos urbanos do segundo pós-guerra” (2002, p.45).

No contexto de fechamento ao debate internacional da Alemanha do segundo pós-guerra, esses dois arquitetos foram responsáveis pelos primeiros pontos de conexão que permitiram trocas para além das fronteiras germânicas. Kleihues estabeleceu seus primeiros contatos com Rossi, Colin Rowe e Frampton ainda no final dos anos 1960, o que lhe permitiu, entre outros, sua inserção na Trienal de Milão de 1973 e a publicação de alguns de seus projetos nos anos seguintes na *Casabella e na Controspazio* (PASSARO, 2002). Ungers, por sua vez, com uma atuação e uma trajetória majoritariamente acadêmica, fora responsável pela curadoria da primeira Exposição de Arquitetura de Dortmund, em 1976, na qual foram exibidas obras de Aldo van Eyck, Hans Hollein, Isozaki, Charles Moore, Aldo Rossi, Oswald Mathias Ungers, James Stirling e Robert Venturi (PASSARO, 2002).

Apesar de assumirem papel semelhante de mediadores entre o debate internacional e a cultura arquitetônica alemã dos 1970, ambos, Ungers e Kleihues, se apropriaram do debate sobre a tipo-morfologia de modos distintos. Enquanto para o primeiro a morfologia é um entre os seus temas de investigação arquitetônica, aquele que “permite reunir opostos aparentemente irreconciliáveis” (UNGERS, 1983) através do princípio da transformação; para o segundo, a referência àquela fundamenta suas críticas ao planejamento urbano desvinculado da arquitetura e a proposição do “redescobrimento da história da cidade como pré-condição de projeto” e do traçado existente como base constante para intervenções futuras (PASSARO, 2002).

(Des)encontros

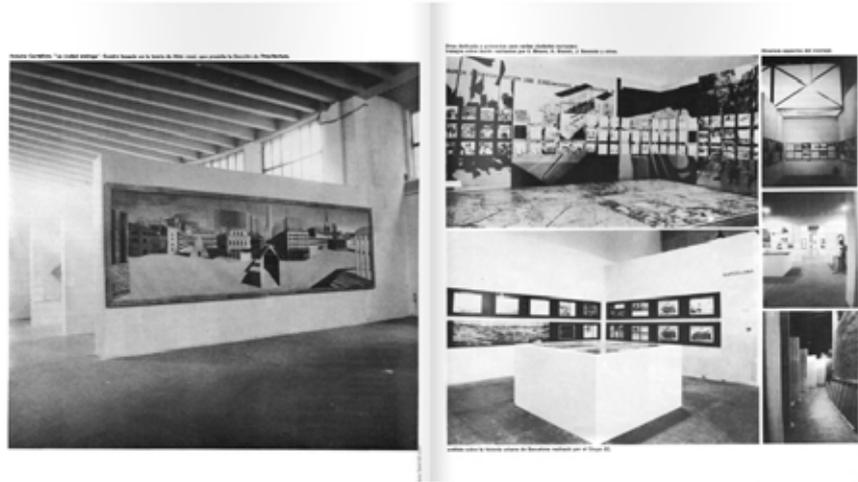
Apesar da considerável distância entre os debates locais acima descritos, tentativas de reconhecimento e de afirmação de traços comuns internacionais foram colocadas em pauta logo nos primeiros anos da década de 1970. Essa prática teria continuidade ao longo dessa década, em uma série de eventos que visaram estabelecer vínculos.

O primeiro deles foi a Mostra Internacional de Arquitetura, organizada por Aldo Rossi, junto à XV Trienal de Milão em 1973, que viria a ser conhecida pelo nome do livro que a compunha: **Architettura Razionale**.

Figure 1

Registro das fotografias da exposição de arquitetura organizada por Aldo Rossi junto à XV Trienal de Milão de 1973, divulgada na Revista 2C, Número2, 1975.

Fonte: Fotografia do autor



Reconhecendo-se a importância e a utilidade das exposições na cultura arquitetônica, buscava-se repetir os efeitos de trienais milanesas anteriores²¹ através da exibição de projetos “estritamente relacionados com a cidade, que afrontam através do projeto os problemas urbanos” (ROSSI, 1979, p.20). Sob essa perspectiva, enquadraram-se arquitetos tão distintos quanto Aldo Rossi, Massimo Scolari, Enzo Bonfanti, James Stirling, Ungers, Venturi, Rob e Léon Krier, os então chamados de *New York Five* – Peter Eisenman, Michael Graves, Charles Gwathmey, John Hejduk e Richard Meier –, dentre outros (cf. GRUMBACH, 1976). Rossi afirmava na ocasião que a seção de arquitetura da Trienal era “o marco de uma nova situação que há tempo estava amadurecendo na Europa e no mundo e que permitiu (...) fixar algumas posturas” (ROSSI, 1975, p.12).

Essa mesma estratégia seria repetida e ampliada em outro contexto, apenas dois anos depois. Referimo-nos à exposição *Rational Architecture*, organizada por Léon Krier em Londres, no ano de 1975. A retomada da exposição italiana em contexto londrino não foi, certamente, desinteressada; pretendia-se, através dela, afirmar a existência de um movimento. Como afirmaria Ellin, “quando o neorracionalismo migrou para o norte da Europa, seus componentes urbanísticos envolveram-se no Movimento para Reconstrução da Cidade Europeia” (ELLI, 1996, p.27). Nesta exposição, portanto, foram apresentados como representantes a um mesmo movimento: Aymonino, Rossi, Scolari, Stirling, Ungers, Koolhaas, Zenghelis, Kleihues, Huet, Montes, Grassi, Gregotti, Léon Krier, Rob Krier, Perez de Arce, Portzamparc, Manuel Sola-Morales, entre outros.

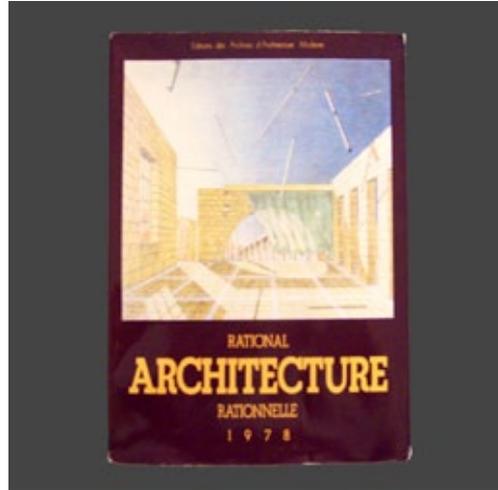
No texto que escreveu para o catálogo da exposição, Léon Krier procurou explicar os critérios para inclusão de novos arquitetos na mostra e a exclusão de outros. Tratava-se de selecionar os projetos representativos de um “novo movimento arquitetônico, uma nova aproximação crítica face à renovação da Cidade Europeia” (KRIER, 1978, p.34). Por esse motivo teria excluído arquitetos

21. Rossi destaca no texto o papel das V, VI e VII Trienais de Milão para a arquitetura racionalista italiana (ROSSI, 1979).

Figura 2

Capa do catálogo bilingue Rational Architecture/ Architecture Rationnelle, publicado em 1978 pela AAM, referente à exposição homônima realizada em Londres, em 1975

Fonte: Fotografia do autor

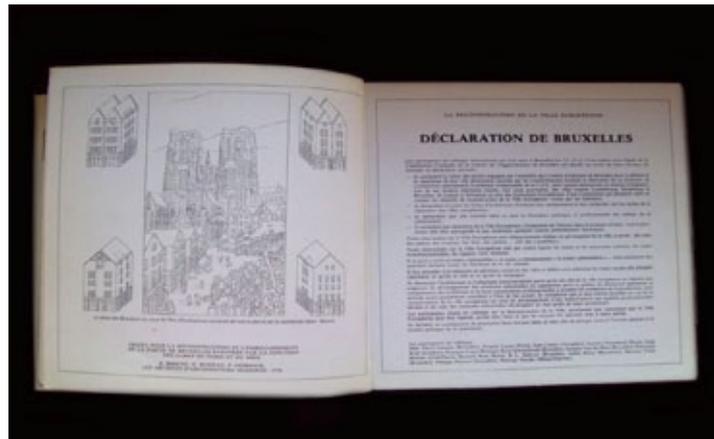


como Venturi e os New York Five que, segundo o curador, iriam “confundir os grandes temas anunciados pela Arquitetura Racional” (KRIER, 1978, p.34). Entre os projetos arquitetônicos reunidos na mostra, Krier asseverava existir uma mesma “reflexão sobre a cidade e sua história, sobre seu emprego e seu conteúdo social” e uma preocupação comum para com a “recriação do espaço público” (KRIER, 1978, p.35). Na introdução ao catálogo, Robert Delevooy – então diretor da Escola de Arquitetura La Cambre – procurava ampliar o contexto do movimento bruxelense para os demais países do continente; “o futuro se anunciaria somente no passado perdido” e a tipologia seria o instrumento para o seu resgate (DELEVOY, 1978, p.8).

Figura 3

Publicação da Declaração de Bruxelas no livro *Propos sur la reconstruction de la ville européenne : Déclaration de Bruxelles*, organizado por Barey e publicado em 1980 pela AAM, referente ao Colóquio “A Reconstrução da Cidade Europeia”

Fonte: Fotografia do autor



Como desdobramento dessa tentativa de afirmação de um movimento internacional, a Escola de La Cambre organizou um colóquio, em 1978, nomeado “A Reconstrução da Cidade Europeia”. Participaram desse evento – além de Léon Krier, Culot e Delevooy – arquitetos da França, Bélgica, Espanha e Itália que já

havam estabelecido contato com essa escola durante os anos 1970²². Como resultado final desse colóquio, houve a assinatura da “Declaração de Bruxelas” na qual os subscritores afirmavam seu apoio às lutas urbanas bruxelenses e ratificavam, entre outros aspectos, a necessidade de retomada dos espaços públicos tradicionais da cidade europeia (BAREY, 1980).

Aldo Rossi, por sua vez, organizou junto com Tarragó e três anos após a XV Trienal, o primeiro Seminário Internacional de Arquitetura em Compostela (SIAC) –, realizado em outubro de 1976. Esse evento reuniu arquitetos espanhóis como Rossi, Aymonino, Vitale, Ungers, Keihues, Stirling e Siza. O debate focou-se nas possibilidades de intervenção em cidades históricas europeias, tendo Santiago de Compostela como objeto para especulação através de projetos desenvolvidos durante o evento. Nesse seminário, o vínculo com a exposição de arquitetura da XV Trienal de Milão fora buscado através de seção de projeção de suas filmagens. Em sua conferência introdutória ao evento, Rossi destacava como bases teóricas compartilhadas pela maioria dos presentes o estudo analítico da cidade e o estudo da tipologia “como a parte central das decisões globais de um projeto” (ROSSI, 1977b, p.15).

Figura4

Capa da publicação
Proyecto y Ciudad Histórica,
organizada por Tarragó
e Beramendi em 1977 e
decorrente . I Seminario
Internacional de
Arquitectura de Compostela
realizado em 1976

Fonte: Fotografia do autor



As reflexões através do projeto sobre as especificidades de uma “cidade europeia” do passado também seriam motivadas pela exposição “Roma Interrotta”, organizada em 1977 pelos Incontri Internazionali D’Arte. Para esta mostra, arquitetos europeus e americanos – Piero Sartogo, Constantino Dardi, Grumbach, Stirling, Romaldo Giurgola, Venturi, Rowe, Graves, Léon Krier, Rossi e Robert Krier – foram convidados a desenvolver hipóteses de intervenção para a cidade de Roma representada no plano Gianbatista Nolli de 1748 (SARTOGO, 1979).

22. A respeito deste colóquio, ver: Barey (1980).

Através do trabalho sobre as pranchas de Nolli, a exposição tinha o duplo objetivo de prover um exame crítico do processo de mudança no tecido urbano e de buscar alternativas para a cidade e seu centro histórico (SARTOGO, 1979). O resultado da exposição é apresentado por Argan como um “conjunto de aventuras, pesquisas fantásticas sobre o ventre urbanístico de Roma” (cf. SARTOGO, 1979).

“Reconstruções” e “Cidades dentro de Cidades”

De modo geral, percebem-se nesses pontos de encontro alguns conceitos e postulados frequentemente reafirmados – as definições de tipo por Quatre-mère de Quincy ou por Durand e algumas asserções resultantes dos estudos de Muratori e Aymonino, por exemplo. As interpretações dissonantes mostram-se, contudo, quando se trata de definir diretrizes para a prática. Nesse momento, propõem-se alguns leitmotivos que, apesar de repetidos em contextos distintos, variam substancialmente em seus significados. Abordaremos, na sequência, dois dentre aqueles que são representativos dessas dissonâncias: as noções de “reconstrução da cidade” e de “cidades dentro de cidades”.

A expressão “reconstrução da cidade” – assim como algumas de suas variantes, como a “recomposição da cidade”²³ – foi empregada amplamente na Europa entre os anos 1970 e 1980. Dentro desse contexto, reconstruir significava opor-se a uma série de demolições recentes – e, então, frequentes em diversas cidades europeias – para dar lugar às renovações urbanas. O desolamento coletivo face à destruição de tecidos do passado permitiu a organização de movimentos populares diversos que se opunham a esse tipo de intervenção²⁴. Ao se empregar o termo “reconstrução” nos anos 1970 e 1980, portanto, possibilitava-se ecoar a filiação a esses movimentos.

Por outro lado, o emprego da palavra “reconstrução” evocava, também, o próprio plano de Bolonha que, ao promover a restauração do centro histórico, propôs intervenções em alguns quarteirões a partir da repetição dos tipos edifícios identificados no levantamento que lhe precedeu. Quase uma década depois desse plano, Cervellati escreveria na Casabella: “O centro histórico não nos interessa porque é belo ou antigo, mas porque (...) representa o modelo, o exemplo que se deve seguir para modificar, para demolir e reconstruir a cidade emergente” (CERVALLATTI, 1977, p.11).

Apesar dessas possíveis motivações comuns para a sua utilização, verifica-se que nunca existiu uma definição unívoca para a chamada “reconstrução”: di-

23. Expressão recorrente em planos e projetos urbanos espanhóis nos anos 1980 (cf. SAINZ GUTIERREZ, 2006).

24. Como, por exemplo, a chamada Batalha de Marolles, em 1969, em Bruxelas, ou os movimentos organizados por estudantes de arquitetura para parar obras em Berlim, na década de 1960 (cf. PASSARO, 2002).

ferentes grupos empregaram-na com conotações próprias. Versaremos aqui sobre três que ensejaram definições precisas: a “reconstrução da cidade europeia”, pregada por Léon Krier e Culot; a “reconstrução crítica” formulada por Kleihues, durante o processo de organização da IBA; e, por último a “reconstrução da cidade” defendida por Bohigas, também em meados dos anos 1980.

No catálogo da supracitada exposição *Rational Architecture*, Léon Krier escreveu uma das primeiras formulações a respeito da “reconstrução da cidade”. Tratava-se, nesse momento, de uma vaga alternativa à destruição das cidades pelos grandes trabalhos de renovação: “Nós podemos dizer que nos anos do pós-guerra, as cidades europeias foram mais destruídas fisicamente e socialmente do que em qualquer outro período de sua história, inclusive as duas guerras mundiais” (KRIER, 1978, p.34). A estratégia para alcançar essa reconstrução tornar-se-á mais clara e incisiva em publicações seguintes, nas quais seria definida como a imitação exata das formas urbanas e arquitetônicas da cidade do século XVIII (CULOT E KRIER, 1978). A “reconstrução da cidade europeia” era entendida como parte de uma proposta mais ampla e incompatível com o sistema capitalista. Negava-se, portanto, tudo o que ocorrera após a Revolução Industrial; dever-se-ia, impreterivelmente, retornar ao passado.

Face à defesa de imitação do passado de Krier, a ideia de Kleihues de manifesto em prol da pluralidade em sua concepção para a “reconstrução crítica” de Berlim não poderia ser mais dissonante. O arquiteto alemão propunha, portanto, a coexistência e a experimentação de diferentes arquitetos sobre a base comum da recuperação do traçado histórico; a busca de um diálogo entre o tradicional e o moderno. A orientação de Kleihues priorizava, portanto, definições para a inserção na estrutura urbana, colocando em segundo plano a “experimentação a partir do objeto arquitetônico individual” (PASSARO, 2002, p.45).

A noção de “reconstrução da cidade” de Bohigas seria explicitada de forma mais clara em seu livro, *Reconstruïó de Barcelona*, cuja primeira edição data de 1985. Sob a pena de Bohigas, esse *leitmotiv* assume caráter mais genérico: trata-se da reconstrução da cidade por partes que, ligadas umas as outras, formariam um contínuo urbano (BOHIGAS, 1992); ou seja, uma postura oposta àquela que caracterizou os “polígonos”. A “cidade feita por partes” objetivaria, portanto, recuperar o sentido dos espaços coletivos e de sua relação com estrutura geral e com a hierarquia²⁵.

Ao optar por essa definição mais aberta, Bohigas, no entanto, procurou caracterizá-la como tendência amplamente difundida no planejamento europeu: “O retorno à ideia de rua, de praça e de jardim urbano definidos com a linguagem arquitetônica e com o projeto do solo (...) representa o esforço principal de um planejamento mais iluminado” (BOHIGAS, 1992, p.11). Anos depois, Bohigas inseriria a ênfase na escala do bairro na “reconstrução de Barcelona” dentro do contexto sociopolítico da Espanha após o fim da ditadura de Franco. Esta cor-

25. Bohigas, O. op. cit. 1992.

responderia, portanto, a um “significado político e (...) à criação de instrumentos de descentralização administrativa” (BOHIGAS, 1999, 240).

A ênfase no bairro como escala de intervenção não foi, todavia, privilégio do pós-franquismo espanhol; ela esteve também subjacente à compreensão da noção de “cidade dentro da cidade”. Uma de suas definições foi ensejada durante a Sommerakademie de arquitetura realizada em Berlim pela Cornell University em 1977. Apresentada e discutida por Ungers, Rem Koolhaas, Peter Riemann, Hans Kollhof e Arthur Ovaska, a “cidade dentro de cidade” por eles proposta era um conceito para a leitura e o planejamento de Berlim como uma cidade-arquipélago (UNGERS et al., 1978). Propunha-se um projeto pluralista, no qual Berlim era abordada “como uma federação de cidades individuais com distintas estruturas, organizadas a partir de uma lógica deliberadamente antitética” (UNGERS et al., 1978, p.86), como um sistema de ilhas arquitetônicas autônomas separadas por lagos e florestas.

Ao contrário da definição de “cidade dentro da cidade” definida na Sommerakademie, a de Léon Krier opunha-se à ideia de pluralidade. A “cidade dentro da cidade” de Krier²⁶ corresponderia aos bairros de cidades europeias consolidadas e seria o fundamento para a “reconstrução da cidade”. As características desses bairros seriam, segundo Krier, verificáveis através de análise tipo-morfológica. Em sua definição das características do bairro europeu, no entanto, Krier acaba por aproximá-los dos parâmetros da Unidade de Vizinhança (cf. SOUZA, 2006). Assim como esta última, aquele possuiria: tamanhos máximos definidos em população e em superfície com distância confortável para uma caminhada, atividades urbanas locais periódicas e limites definidos por avenidas nas quais se concentram as atividades “que poderiam sobrecarregar ou superlotar um simples bairro” (KRIER, 1978).

Considerações finais

Através deste texto, pudemos perceber que o debate sobre a tipo-morfologia – cuja difusão por diversos países europeus manifestou-se principalmente a partir dos anos 1970 – foi apropriado de diferentes formas. Nesse sentido, apesar das diversas tentativas de afirmação de movimentos ou vínculos internacionais estabelecidas logo nos primeiros anos da década, as personagens envolvidas não podem ser tratadas como representantes de um grupo unívoco. Na apropriação desse debate por parte das culturas arquitetônicas locais revelam-se significados distintos que oscilam entre: revisões do ensino de arquitetura, afirmações de uma nova abordagem do urbanismo, oposição ao sistema capitalista e, até mesmo, a simples ideia de abertura ao debate internacional.

26. O texto “A cidade dentro da Cidade” de Krier foi originalmente publicado na revista A+U, em novembro de 1977 – mês antecedente à Sommerakademie – e republicado, posteriormente, no catálogo de Rational Architecture.

Ainda que alguns conceitos-chave – oriundos de estudos italianos originais, assim como de manuais do final do século XVIII e início do XIX – tenham sido reiteradamente repetidos; a forma como eles foram operacionalizados em diretrizes para a prática diferiu significativamente e se revela na dissonância entre as conotações de seus leitmotiven. Embora expressões como “cidade dentro da cidade” ou “reconstrução da cidade” tenham sido amplamente empregadas em discursos de justificação da prática, a ideia de projeto por elas defendido pode variar de um extremo ao outro de acordo com a pena que o redige. Nas definições desses leitmotiven, poucas ressonâncias permanecem na forma como a cidade europeia era representada e na ideia de perda de alguns de seus traços distintivos.

Referências

BAREY, A. **Propos sur la reconstruction de la ville européenne: Déclaration de Bruxelles**. Bruxelas: Archives d'Architecture Moderne, 1980.

BOHIGAS, O. Ten points on an Urbanistic Methodology. *The Journal of Architecture*, v. 4, outono, pp.240-244, 1999.

_____. **Ricostruire de Barcellona**. Etaslibri. 1992.

CATALDI, C., MAFFEI, G. L., VACCARO, P. Saverio Muratori and the Italian school of planning typology. In: *Urban Morphology*, 6(1), p.3-14, 2002.

CASTEX, J. Histoire de la forme urbaine. In : Castex et al. **Histoire Urbaine, antropologie de l'espace**. Paris : CNRS Editions, 1995.

COHEN, JL. Les Italiophylies au travail In: COHEN. **La coupure entre architects et intellectuels, ou les enseignements de l'italiophylie**. Paris : in Extenso, 1984.

CERVALLATTI, P. L. Un avvenire per nuestro passato. *Casabella*, n.428, set., pp.10-12, 1977.

CULOT, M.; KRIER, L. The Only Path for Architecture. *Oppositions*, n.14, New York, MIT Press, fall, pp.39-53, 1978.

DELEVOY, R.L. Vers une Architecture. In: Krier (org) **Rational Architecture: The Reconstruction of the European city/Architecture Rationnelle - La Reconstruction de la Ville Européenne**, Bruxelles, A.A.M, pp.5-13, 1978.

DEVILLARD, V. JANNIÈRE, H. **Espaces publics, communauté et voisinage**, 1945-1955 in: PICON-LEFBVRE, V (org) *Collection Architextes*. Groupe Moniteur, 1977, pp.15-32.

ELLIN, N. **Postmodern Urbanism**. New York, Princeton Architectural Press, 1996.

GRUMBACH, A. I fratelli Krier/The Krier Brothes. *Lotus*, n.11, pp.64-71, 1976.

KRIER, L. La Reconstruction de la ville. In : Krier (org) **Rational Architecture: The**

Reconstruction of the European city/Architecture Rationnelle: La Reconstruction de la Ville Européenne, Bruxelles, A.A.M, 1978, pp.33-37.

LUCAN, J. **Architecture en France (1940-2000)**. Paris: Le Moniteur, 2001.

MONTES, F. Entrevista ao autor. dezembro de 2011.

NESBITT, K. **Uma nova Agenda para a Arquitetura**. Antologia Teórica 1965-1995. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

PANERAI et al. **Analyse Urbaine**. Paris: Éditions Paranthèses, 1999.

PANERAI, Ph. , MANGIN, D. **Projet Urbain**. Paris: Éditions Paranthèses, 2005

PASSARO, L. B. **Fragmentos de uma crítica: Revisando a IBA de Berlim**. Tese de Doutorado. Universitat Politecnica de Catalunya, 2002.

PEREIRA COSTA, S. A. **Brazilain Urban Morphology**. In: **Urban morphology**, Birmingham, v. 10, n. 02, pp. 142-144, 2006.

PORTOGHESI, P. **Depois da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ROSSI, A. Sección de Arquitectura de la XV Trienal. 2C, n.2, pp.12-15, 1975.

_____. **Para una Arquitectura de Tendencia**. Escritos 1956-1972. Barcelona: GG, 1977a.

_____. Introducción. In: TARRAGO e BERAMENDI (org.). **Proyecto y Ciudad Histórica. I Seminario Internacional de Arquitectura de Compostela**. Santiago de compostela: COAG, 1977b.

_____. Introducción. In: BONFANTI, E. et al. **Arquitectura racional**. Madrid Alianza Editorial pp.11-22, 1979.

ROWE, C. Prólogo a la edición inglesa. In: KRIER, Rob. **El Espacio Urbano**. Barcelona: Gustavo Gili, 1981.

SAINZ GUTIÉRREZ, V. **El proyecto urbano en España. Génesis y desarrollo de un urbanismo de los arquitectos**. Sevilla: Universidad de Sevilla y Consejería de Obras Públicas y Transportes, 2006.

SAMUELS, I. **Urban Morfology in design**. Research Note 19, Oxford: Joint Centre for Urban Design, 1985.

SARTOGO, P. et al., **Roma Interrotta**. Roma: Incontri Internazionali D'Arte, 1979.

SOLÀ-MORALES, M. **Las formas de crecimiento urbano**. Barcelona: Ediciones UPC, 1997

SOLÀ-MORALES, M. Préface. In : PANERAI et al. **Formes Urbaines: de l'îlot à la Barre**. Paris: Éditions Paranthèses, 2001.

SOUZA, G. B. **Re-Dizer e Des-dizer: o Novo Urbanismo Europeu** in: *Topos* (Belo Horizonte), v. 4, pp. 113-123, 2005.

SOUZA, G. B. **De los desdoblamientos de la Unidad de Vecindad. El espacio comunitário en la Ciudad Policéntrica de León Krier.** in: Revista Bitácora Urbano-Territorial (Bogotá), v. 10, pp. 8-16, 2006.

UNGERS, O. M., KOOLHAAS, M., KOLLHOFF, H., OVASKA, A. A., RIEMANN, P. **Cities within the city.** in: Lotus International. L'isolato urbano /The urban block, n° 19, pp.82-97, 1978.

UNGERS, O. M. **Architecture come theme/ Die Thematisierung der Architektur.** Paris: Electra Moniteur, 1983.